

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DISCIPLINA: HISTÓRIA ORAL
PROFESSORA: HEBE MARIA MATTOS
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

**DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA,
A CONSOLIDAÇÃO DA HISTÓRIA DA MEMÓRIA COMO CAMPO
HISTORIOGRÁFICO E
O PAPEL DE DISPUTA DE MEMÓRIAS NOS PROCESSOS SOCIAIS DE
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS**

Questão 2: Com base nos textos de Henri Rousso, Michael Pollack, Gilberto Velho e Alessandro Portelli, discuta as diferenças e aproximações entre memória e história, a consolidação da história da memória como campo historiográfico, e o papel de disputa de memórias nos processos sociais de constituição de identidades coletivas.

DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Para que possamos discutir adequadamente as diferenças e aproximações entre memória e história precisamos definir o que entendemos como *memória* e como *história*.

Encontramos uma boa definição de *memória* em Henry Rousso: “A *memória*, no sentido básico do termo, é a presença do passado. Portanto, não admira que tenha interessado aos historiadores do tempo presente, depois de outros, já que essa presença, sobretudo a de acontecimentos relativamente próximos como as revoluções, as guerras mundiais ou as guerras coloniais, acontecimentos que deixam seqüelas e marcas duradouras, tem ressonância em suas preocupações científicas (...). A *memória*, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs. (...) ela constitui (...) um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.¹

Essa reconstrução *psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado* não se constrói com metodologias científicas, entendendo aqui *ciência* como o estudo que busca uma representação o mais próxima possível do real, ainda que a proximidade perfeita ou absoluta de todo o real seja impossível em função de ser o próprio real infinito. Toda representação que confere com o que se realiza no mundo real é uma representação verdadeira. Se digo que a velocidade do som é maior do que a da luz, mas só encontro exemplos que demonstram justamente o contrário, tal representação é falsa. Se digo que quanto maior o desenvolvimento das forças produtivas na sociedade capitalista, maior a igualdade entre os “cidadãos”, mas só encontro históricas séries estatísticas que demonstram o contrário, tal afirmação é falsa. Continuando, a reconstrução *psíquica e intelectual seletiva do passado* é memória ainda que racionalmente “enquadrada” para responder a objetivos imediatos, disputados com

¹ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.), *USOS & ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, ROUSSO, Henry, pp. 94, 95 (grifos meus).

outras memórias.² Aqui reside a diferença da memória para a história. E aqui reside também – de contrabando – o pressuposto da história como ciência. A memória não tem por obrigação representar o passado tal como ele realmente se deu, e nem é essa a sua função por excelência. A sua função é formar identidades, assunto que discutiremos adiante. Quanto à história, é o inverso o que ocorre (ou deveria...).

Uma excelente definição de história encontramos em Nelson Werneck Sodré: ela é a ciência que estuda a dialética das sociedades: “(...) *se pretende chamar a atenção para a dialética da sociedade e para a História, que é a sua ciência*”.³ “*A História é uma ciência social, seu objeto é o conhecimento do processo de transformação da sociedade ao longo do tempo*”.⁴

A história é diferente da memória porque produz representações sobre o passado com o emprego de teorias e metodologias científicas, na procura do que realmente se deu. “(...) *nossa tarefa é interpretar criticamente todos os documentos e narrativas*”.⁵ A memória não tem necessariamente compromisso com a verdade.

Penso que em sociedades de classe, a disputa entre memórias é o reflexo – no campo espiritual – das lutas e interesses que se verificam no campo do mundo material. Somente quando a humanidade se libertar do capitalismo ou de qualquer sociedade dividida em classes, os cidadãos (agora sem aspas) – uma vez libertos de toda a alienação, terão suas memórias muito próximas da história. Dito de outra forma, a luta entre memórias e a contradição entre memória e história são dimensões espirituais da luta de classes.⁶

Estabelecidas as diferenças entre memória e história, examinemos as aproximações, nem sempre amistosas.⁷

A memória, enquanto representação não-científica do passado, pretende-se história. À história oral compete entender estas representações não-científicas, até porque “*Representações e ‘fatos’ não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações*”.⁸

² A atividade racional é diferente da atividade científica, embora para que haja atividade científica seja necessário o emprego de esforço racional, de racionalidade. O “enquadramento” da memória não responde a interesses científicos, mas políticos. É feito racionalmente mas sem compromisso com a verdade, se considerarmos objetivo das ciências sociais e naturais o conhecimento do real.

³ SODRÉ, Nelson Werneck, *HISTÓRIA E MATERIALISMO HISTÓRICO NO BRASIL*, Global, São Paulo, 1987, p. 11.

⁴ SODRÉ, Nelson Werneck, *FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL*, Bertrand Brasil S.A., Rio de Janeiro, 1987, p. 3.

⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.), *USOS & ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, PORTELLI, Alessandro, p. 106.

⁶ Não se pretende aqui resumir a contradição entre memória e história apenas à luta de classes. Conflitos entre etnias, entre tradições culturais de toda ordem também explicam tal contradição. O destaque dado à luta de classes é feito para marcar posição sobre o aspecto “material” ou objetivo do problema, mas também para ressaltar que qualquer explicação que se limite a investigar o problema apenas no campo das idéias não será, a meu ver, satisfatória.

⁷ “(...) a história da memória tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória”. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.), *USOS & ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, ROUSSO, Henry, p. 95.

⁸ Idem, PORTELLI, Alessandro, p. 111 (grifo meu).

Em algumas situações, o conflito entre memória e história pode chegar “às vias de fato”: “*Donde as decepções, os desencantos, as crises e até os fracassos que marcam a história ainda recente da história oral, desde a recusa a responder até a decisão tomada há alguns anos por uma equipe de Tübingen de interromper a pesquisa que iniciara sobre o nazismo num vilarejo da Suábia, depois que se percebeu que as lembranças evocadas podiam comprometer irremediavelmente a paz dos lares*”.⁹

Salto qualitativo nesta relação entre história e memória foi dado pela própria história, na medida em que passou a estudar a história da memória. A um tempo, deixou de medir forças com a memória e apropriou-se dela como mais uma de suas fontes e, vale dizer, digna de um método feito só pra ela (a história oral). Fizeram as pazes...

A CONSOLIDAÇÃO DA HISTÓRIA DA MEMÓRIA COMO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Segundo nos ensina o marxismo, as sociedades possuem uma estrutura econômica sobre a qual se erguem as superestruturas jurídico-política e ideológica.¹⁰ Já discutimos a relação entre a história, a memória e a história da memória em nosso primeiro trabalho.¹¹ Em resumo, a história dos homens é a história *material e espiritual* dos homens. O fato de que, segundo o marxismo - em última instância - o que determinaria o curso da história seriam as suas dimensões materiais, em nada diminui a importância da história *espiritual* (as formas de consciência sociais), até porque, repito, no processo histórico o *material* e o *espiritual* condicionam-se dialeticamente.¹² Portanto, um não pode ser explicado adequadamente sem o outro.

Neste sentido, a história da memória é parte integrante da *História* enquanto totalidade em movimento.

“A história da memória constitui enfim um elemento doravante essencial na análise das culturas políticas [e das mentalidades também], como atestam os

⁹ Ibidem, FRANÇOIS, Etienne, p. 10.

¹⁰ “(...) na produção social de sua existência, os homens entram em determinadas relações, necessárias, independente de suas vontades, relações de produção que correspondam a um grau de desenvolvimento determinado de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas de consciência sociais determinadas”. MARX, Karl, *Contribuição à crítica da economia política*. IN: CASTRO, Ana Maria de, e DIAS, Edmundo Fernandes (orgs.), *INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO SOCIOLOGICO*, Centauro, São Paulo, 2001, p. 167 (grifo meu).

¹¹ Ver meu primeiro trabalho de história oral, página nº 2, nota de rodapé nº 1.

¹² “Esta produção só surge com o aumento da população. Ela própria pressupõe, por seu turno, um intercâmbio [Verkehr*] dos indivíduos entre si. A forma deste intercâmbio é, por sua vez, condicionada pela produção. { *Nota: o termo *Verkehr* em *A Ideologia Alemã* tem um conteúdo muito amplo. Inclui o intercâmbio material e espiritual de indivíduos, grupos sociais e países inteiros (grifo meu). Na sua obra, Marx e Engels mostram que o intercâmbio material, e sobretudo o intercâmbio entre as pessoas no processo de produção, constitui a base de qualquer outro intercâmbio. Nos termos *Verkehrsform, Verkehrsweise, Verkehrsverhältnisse, Produktions-und Verkehrsverhältnisse* (“forma de intercâmbio”, “modo de intercâmbio”, “relações de intercâmbio”, “relações de produção e de intercâmbio”), que são utilizados em *A Ideologia Alemã*, encontrou expressão o conceito de relações de produção (grifo meu), que nesta altura estava a ser elaborado por Marx e Engels’}. Marx, Karl; Engels, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*; Edições “Avante!” – Lisboa, Edições Progresso – Moscovo; 1982; Tomo I; pp. 9 e 562. **Relações de produção, como se vê, não são apenas relações econômicas.** “(...) Segundo a concepção materialista da história, o fator que em última instância determina a história é a produção e reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos nunca mais do que isso. Se alguém tergiversa dizendo que o fator econômico é o único determinante, converterá aquela tese numa frase vazia, abstrata, absurda.” (Engels, carta a J. Bloch, de 1890. Citado por Ciro Flamarion Cardoso, notas de aula sobre a economia antiga, cap. III, p. 14 – grifos meus).

numerosos trabalhos sobre a memória gaullista ou a memória comunista, ou ainda a experiência recente conduzida por Jean-François Sirinelli, que, no quadro de uma história geral das direitas francesas, dedica quase um livro inteiro a essa questão”.¹³

Só não podemos cometer o erro, no exame histórico, de tomarmos como verdadeiros os frutos do pensamento colhidos e estudados pela história oral. “Da mesma forma que não se pode julgar um indivíduo pela idéia que ele faz de si mesmo, não se poderia julgar uma época de transtornos pela consciência que ela tem em si mesma”.¹⁴

O PAPEL DE DISPUTA DE MEMÓRIAS NOS PROCESSOS SOCIAIS DE CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS

Nas sociedades com estruturas de classe e estratificações sociais, mas não só nelas, é natural que as memórias sobre o passado sejam disputadas e “enquadradas”. Este último termo é usado por Michael Pollak.¹⁵ As memórias, como já visto, são memórias de quem está no presente falando sobre o passado. Expressam muitas vezes, portanto, interesses ligados ao presente muito mais do que uma preocupação com o resgate do passado; interesses sociais contraditórios, daí a disputa.

Um dos motivos deflagradores da disputa entre memórias nos é dado por Pollak: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória Oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica^(...) e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.^(...) A memória entra em disputa”.¹⁶

Como nos diz Rouso, o papel da memória coletiva é, dentre outros, “resistir à alteridade”¹⁷. A memória, segundo o autor, é “um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.¹⁸ Dito de outra forma, a memória é um dos elementos fundamentais de uma cultura que, por sua vez, se afirma em função de seus alternos.¹⁹

¹³ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.), *USOS & ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996, ROUSSO, Henry, p. 96.

¹⁴ MARX, Karl, op. cit., p. 168.

¹⁵ POLLAK, Michael, *Memória, Esquecimento, Silêncio*, Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 9.

¹⁶ Idem, p. 4.

¹⁷ ROUSSO, Henry, op. cit., p. 94.

¹⁸ Idem, p. 95.

¹⁹ Conceito de cultura: “CULTURA é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de **corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência** [memória], **exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação**. Assim concebida, a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza de **réplica conceitual da realidade**, transmissível simbolicamente de geração a geração, na forma de uma tradição que provê modos de existência, formas de organização e meios de expressão a uma comunidade humana”. RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: 1. Teoria do Brasil - formações econômico-sociais, configurações histórico-sociais, ordenações políticas, alienação cultural*, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1985, p. 127 (grifos meus).

Ao se afirmarem em função sobretudo da existência de alternos, as identidades coletivas²⁰ vão se constituindo e se consolidando. **Este é o papel de disputa de memórias nos processos sociais de constituição de identidades coletivas.** “(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva (...) A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”.²¹

A memória – em luta - é seletiva. É em função de uma estruturação (pode também ser um “enquadramento”) em curso que a memória – respondendo na maioria dos casos a interesses do presente – vai selecionando aquilo que do passado lhe faz bem. A memória é, portanto, um fenômeno construído.²²

Construir a memória é construir uma arma para ser usada contra as alteridades. Todavia, o emprego contínuo desta arma vai – a um tempo – construindo (ou moldando) a identidade do indivíduo ou do grupo que a utiliza. Em certo sentido, somos feitos muito mais daquilo que *o outro* não é do que propriamente de nós mesmos.

Evandro de Oliveira Machado
Em 13 de dezembro de 2005.

²⁰ Conceito de identidade coletiva: “Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”. POLLAK, Michael, *MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 206.

²¹ Idem, p. 204.

²² Eu diria que, em geral, a memória é sempre interesseira; “*nunca dá ponto sem só*”.